

ANEXO 8

DOIS ANOS, DOIS DIAS

ilana katz

christian dunker

'Clínicas Republicanas e Democráticas, Clínicas Públicas e Abertas' foi um encontro de psicanalistas interessados no debate sobre as experiências clínicas que acontecem nos espaços públicos urbanos. Depois de um encontro sobre este tema no Instituto de Psicologia da USP, no semestre anterior, a data aqui era crucial, pois, dois dias depois, o Brasil elegeria seu presidente. O lugar também não era qualquer: o Sedes Sapientae marca a história da psicanálise como instituição de acolhimento e resistência democrática.

Psicanálise e democracia possuem condicionantes comuns: a livre circulação da palavra, a criação de futuros contingentes, a universalidade inclusiva do inconsciente. O público inquieto e incisivo nos fazia pensar, em estado de urgência e contra o estado de exceção. A clínica pública, no espaço aberto da cidade é uma contra experiência, uma prova em ato de que é possível uma resposta contra a segregação como gramática fundamental de nosso sofrimento.

Levamos, para aquele encontro no Sedes, a experiência 'Clínica do Cuidado' com os ribeirinhos, tornados refugiados pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira. A nossa equipe é composta por 16 clínicos e 2 jornalistas, que, além de responsáveis por todo o processo de documentação de nossa experiência, no instante da intervenção, foram também interlocutores vigorosos na invenção de nosso modelo de atenção. Naquela noite, viemos todos os que pudemos, de diferentes lugares do Brasil. A equipe clínica estava quase completa, bem representada em sua diversidade.

Assistimos ao documentário de Eliane Brum, "Eu +1, uma jornada de saúde mental na Amazônia"¹. Nos ouvimos em cena retrospectiva e prospectiva. Depoimentos tomados durante a intervenção e o seu impacto sobre cada um de nós estava pulsando nas palavras. Dois anos depois, foi a primeira vez em que nos encontramos em uma reunião formal, para falar com outros, sobre a experiência de campo da

¹ Disponível em: https://youtu.be/IG_DdW4znCE

Clínica do Cuidado. Já havíamos falado entre nós, aos pares, cada um de nós com outros, e, dessa vez, ganhamos a oportunidade de nos escutarmos, juntos e com os outros, sob a perspectiva dos efeitos recolhidos.

Sem termos podido antecipar o acontecimento, vivemos naquela noite uma experiência de testemunho. Conhecemos juntos versões particulares do projeto que compartilhamos: o redimensionamento da experiência de cidadania, produzido no encontro com outro modo de vida, repercutiu também sobre a condição de analista de cada um dos *cuidantes* - nome que demos aos psicanalistas na ação da Clínica do Cuidado. Esses efeitos interessaram aos interlocutores que acolheram nossos depoimentos, e nos puseram para trabalhar.

A invenção da Clínica do Cuidado foi uma estratégia articulada para atender à comunidade ribeirinha atingida por Belo Monte. Sua proposição - um modelo de atenção ao sofrimento psíquico, metodologicamente orientado pela psicanálise, que incluiu dispositivos de cuidado abertos e articulados ao território - visava o cuidado com essa população submetida a uma situação de extrema vulnerabilidade psicossocial.

Quando cunhamos a expressão "Clínica do Cuidado", tínhamos em mente uma das traduções possíveis do conceito de cura (*cure*, em francês) que é justamente "*cuidado*", como na "*cura sui*" dos latinos, e que parece localizar-se na arqueologia da prática psicanalítica entendida como um ética (Dunker, 2012)².

Foi durante a intervenção, nas margens do rio Xingu, que a ideia de comunidade testou suas fronteiras. Estávamos ali, implicados no Cuidado com os ribeirinhos, uma comunidade tradicional e de hábitos extrativistas. A escuta de cada uma das suas histórias apresentou-nos uma experiência de cultura - de relação entre pessoas, e destas com as instituições, com a produção, com o dinheiro e com a terra. Formas de vida à qual somos estrangeiros: não é a *nossa* cultura, não nos organizamos diante desses elementos da mesma maneira que um ribeirinho, e, ainda assim, é uma

² Dunker, C. **Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica. Uma Arqueologia das Práticas de Cura, Psicoterapia e Tratamento.** São Paulo: Anablume editora, 2012.

cultura que tem lugar no nosso mundo. Tem lugar, esse lugar precisa ser garantido, e isso nos diz respeito.

O dispositivo da escuta clínica cumpriu sua função de informar modos de gozo e de organização da vida, estranhos à nossa experiência. Nos testemunhos dos *cuidantes* sobre o seu fazer, escutamos suas perguntas sobre a função que o analista poderia assumir naquela experiência de território, e escutamos também como a sua condição de estrangeiros àquela cultura sustentou a intervenção. Mais além, os *cuidantes*, um a um, transmitiram os efeitos dessas perguntas sobre suas práticas clínicas.

O exercício sobre a ideia de comunidade que a travessia de fronteiras geográficas e simbólicas propôs, alcançou, na volta do Xingu, a dimensão da responsabilidade no fazer de cada um. Uma pergunta se colocou: que efeitos aquela experiência produziu sobre a relação de cada um de nós com a psicanálise? Uma pergunta sobre os efeitos, e que produz efeitos.

Atravessados por essa experiência, pelos questionamentos nela produzidos, e na condição de psicanalistas, procuramos dar lugar a atividades e ações que se engajassem na proposição de uma experiência política comprometida com a construção do comum, e voltada ao interesse público. Nesses dois anos, realizamos pesquisas acadêmicas e atividades clínicas que se orientam nessa direção. Estamos todos, e cada um, mergulhados num trabalho de invenção: os outros trabalhos que esse evento acolhe também fazem parte dessa iniciativa, e alguns dos *cuidantes* estão, inclusive, engajados nessas outras intervenções. Há quem tenha mudado para Altamira para viver e trabalhar, e quem ainda mantenha outras relações de trabalho com a região.

Para além do lugar que cada um encontrou e inventou para trabalhar, há algo que podemos depurar de nossos depoimentos. As notícias que recolhemos dos desdobramentos sobre a prática de cada um apresentam a dimensão da (de)formação do analista³.

³ Expressão cunhada por Dominique Fingermann, em **A (de)formação do Psicanalista: as Condições do ato Psicanalítico**. São Paulo: ed. Escuta, 2016.

Na micropolítica da experiência, entendemos que a operação clínica teve efeitos sobre a posição dos sujeitos acolhidos pela Clínica do Cuidado⁴. Para além dos efeitos clínicos diretos, ganhamos a oportunidade de compreender que, ainda que todos os elementos de estabelecimento do *setting* clássico estivessem suspensos na estratégia da intervenção, a ética da psicanálise, reguladora da clínica, encontrou lugar na função desejo de analista para sustentar, como único elemento indispensável e incontornável ao fazer do analista, a realização da clínica.

A estratégia Clínica do Cuidado renovou nossa aposta em uma prática que pretendeu não se realizar pelo exercício de um poder, mas, ao contrário, propor, como política, uma discussão do poder.

Esse é um efeito formativo que trazemos de Altamira para compor, de maneira decisiva, a nossa relação com a psicanálise. É com essa posição que nos recolocamos na relação com a cidade.

Resta ainda o outro lado da pergunta: de que maneira o que ali foi construído como modelo de atenção ao sofrimento psíquico pode seguir em operação no território?

É aqui que nos encontramos, novamente, com a proposição do evento **“Clínicas Republicanas e Democráticas, Clínicas Públicas e Abertas”**.

Sabemos que, para que modelos de intervenção e de atenção ao sofrimento psíquico tenham lugar naquele território, precisaremos nos articular na construção de políticas públicas que impliquem o Estado na sua sustentação. O movimento de cada um de nós, de cada *Eu+1*, é necessário para constituir essa possibilidade. Nosso engajamento com o projeto Refugiados de Belo Monte, no qual se insere a iniciativa da Clínica de Cuidado, ao implicar nosso fazer com o que resta das operações civilizatórias, faz valer para cada um a função social do psicanalista. Nosso engajamento nos faz ver, ainda, que a democracia é a condição de sustentação de sua possibilidade.

Sob qual condição de relação com o Estado podemos reivindicar que políticas públicas assegurem o interesse público? Foi assim, com essa pergunta, que, naquela

⁴ Para conhecer essa discussão, indicamos os artigos: KATZ, I. e DUNKER, C. “Clínica do Cuidado nas Margens do Rio Xingu: uma Intervenção Psicanalítica junto à População Ribeirinha atingida por Belo Monte”, publicado no site do evento 'Clínicas Republicanas e Democráticas, Clínicas Públicas e Abertas': ([endereço](#)); e a publicação do COLÓQUIO PSICANÁLISE NOS ESPAÇOS PÚBLICOS, em que consta o artigo “A Clínica do Cuidado: intervenção com a população ribeirinha do Xingu atingida por Belo Monte, de Ilana Katz, disponível no site do Latesfip.

noite, articularam-se os dois anos que passaram - e os dois dias que tínhamos pela frente.